

1. **Aspectos da Indústria no Rio Grande do Sul** – Diderot M. Velloso, 1971, 70p.
2. **Aspectos da Vida e Obra de Lobo da Costa** – Ir. Elvo Clemente – Selbach, 1953, 233p.
3. **Caminhos da Estilística** – Teoria e Prática – Ir. Elvo Clemente, 1959, 140p.
4. **Casa Dourada** – Dionísio Fuentes Álvares, 1961, 65p.
5. **Conseqüências Sociais do Processo de Urbanização para a Criança** – Helena Iracy Junqueira, 1965, 64p.
6. **Crisis de la Cultura Occidental (Ia)** – Salvador M. Dana montaña, 1963, 258p.
7. **Curso de Fonologia da Língua Portuguesa** – Lyrís Wiedmann, 1974, 104p.
8. **Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil** – Luis da Câmara Cascudo, 1963, 326p.
9. **Didática do Ensino Superior** – Diversos autores, 1965, 257p.
10. **Dinâmica de Grupo Aplicada ao Ensino de Português** – Lyrís Wiedmann, 1973, 60p.
11. **Discurso Indirecto Libre en la Novela Argentina (EI)** – Petrona Dominquez de Rodriguez Pasqués, 1975, 230p.
12. **Educação Moral e Cívica** – Salvador M. Dana Montaña, 1967, 156p.
13. **Educação Permanente (A)** – Editora Presença, Rio, 1976, 16p.
14. **Efemérides dos Principais Fatos Relacionados com a Campanha do Paraguai** – Antonio da Rocha Almeida, 1965, 124p.
15. **Ensino de Valores** – Délcia Enricone, 1976, 76p.
16. **Ensino: Sua Técnica, Sua Arte** – Ruy Santos de Figueiredo, 1964, 220p.
17. **Escuro Labirinto** – Dionísio Fuentes Álvares, 1972, 57p.
18. **Espanol Aplicado** – Ejercicios – Juan José Mourino Mosquera, 1973, 61p.
19. **Estudios de Literatura Española Moderna** – Luis Lorenzo Rivero, 1976, 185p.
20. **Estudo sobre Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa** – Ir. Elvo Clemente, 1969, 52p.
21. **Gêneros Literários (Os)** – Vários autores, 1973, 140p.
22. **Geografia Física** – 1º vol. – Ney Chrysostomo da Costa, 1978/80, 270p.
23. **Geografia Física** – 2º vol. – Ney Chrysostomo da Costa, 1978/80, 270p.
24. **Geografia Física** – 3º vol. – Ney Chrysostomo da Costa, 1978/80, 270p.
25. **Geografía y Morfología del "Voseo"** – José Pedro Goldman, 1976, 116p.
26. **Grande Pesquisa sobre Cores e Motivação** – Simão Goldman, 1963, 69p.
27. **Grupos e Serviço Social** – Simone Paré, 1971, 246p.
28. **Hacia una Revisión Crítica de la Biografía de Larra** – Gregório Cervantes Martín, EMMA, 1975, 200p.
29. **Hinos de Síndico de Cirene** – Ir. Hilário Máximo, Globo, 1960, 169p.
30. **Hombre y los Medios de Comunicación de Masas (EL)** – Raquel Yantorino de Eiena, 1969, 145p.
31. **Idéias Políticas no Brasil (Aa)** – Afonso Arinos de Melo Franco, 1970, 38p.
32. **Instrumentalidade e Funcionalidade** – Edison Oliveira & Lúcia F. Pinto, 1972, 27p.
33. **Inteira Voz (A)** – Wilson Chagas, 1971, 81p.
34. **Interpretação Crítica de Textos** – José Fernando Miranda, 1973, 238p.

LEITURA DA LITERATURA: A HORA DA SUPERAÇÃO!

EZEQUIEL THEODORO DA SILVA
Faculdade de Educação – UNICAMP

Regina Zilberman reúne, neste livro, nove estudos produzidos no período 1981-1985, sendo a maior parte deles oriundo de sua participação ativa em congressos e seminários nacionais na área de educação e literatura. Categorizados em dois grandes blocos – "Leitura e Sociedade" e "Literatura e Ensino" – os estudos, além de evidenciarem a intensa produção científica da autora, convidam o leitor para um adentramento crítico nas relações entre leitura, literatura e escola, a partir das perspectivas histórica e sociológica.

Ao contrário de uma compilação apressada de ensaios, o livro apresenta-se como uma reflexão profunda e bem sequenciada de temas relacionados com a circulação da leitura e a possibilidade de fruição da literatura nas escolas brasileiras. Na base do vai-e-vem, tecendo a gênese histórica dos fatos educacionais, Regina estabelece uma crítica salutar das concepções de leitura/literatura, privilegiadas pela sociedade burguesa, explicita razões para a falta de acesso à literatura pelas camadas populares e delinea caminhos para a superação dos problemas. E essa superação, na ótica da autora, exige, além de políticas e de condições concretas para a produção da leitura, o questionamento dos objetivos, dos textos (principalmente excertos e antologias) e das metodologias para o ensino da literatura, que foram cristalizados pela tradição, transformando-se em camisas de força, e que ainda são inocentemente reproduzidos pelos professores.

Não desprezando a riqueza de todos os referenciais contidos no livro, pois que todos são reveladores e estimulantes em termos de reflexão e posicionamento, destacamos, para discussão, um trecho em que a autora, ao criticar as concepções pretensamente inovadoras da leitura escolar, contrapõe uma outra, mais diretamente ligada ao real propósito que o texto de ficção deveria cumprir: "(...) porque a leitura dos livros infantis não se associa ao objeto que provoca – a obra de ficção, com suas propriedades, tal como a de estabelecer, como leitor, uma relação entre a fantasia presente encontrada no texto e o universo do seu imaginário. Este percurso, que talvez consista no significado do ato de ler enquanto possibilidade intelectual de fazer interagir imaginação e raciocínio, fantasia e razão, emoção e inteligência, acaba por ser interrompido – ou, ao menos, insuficientemente vivenciado –, quando se sobrepõe a ele finalidades suplementares tidas como superiores e não mais diretamente relacionadas à leitura." (grifos nossos, p. 114)

Essa concepção, se devidamente estudada e assumida na prática docente pelos professores, seria um contraponto àquilo que atualmente se privilegia na área do ensino da literatura, ou seja, "transmitir a norma culta", "conservar e defender o padrão elevado da língua de que a literatura é guardiã", "inculcar valores e inculcar o bom gosto", "assumir a cidadania", "adquirir conhecimentos e obter vantagens pessoais", etc... (p.122-123) - tais motivações cristalizadas, é bom lembrar, configuram o caráter reprodutor desse ensino e, direta ou indiretamente, dificultam ou acabam por esfocar qualquer interação significativa do leitor com a obra literária. Daí Regina Zilberman achar que "(...) talvez seja preciso antes de tudo considerar o ato de ler uma atitude cujo significado se encerre nela mesma. E (...) experimentar as práticas que a nova postura sugerir, menos trabalhosas muitas vezes, eventualmente mais estimulantes para o leitor." (p.114) Este ponto de vista, compartilhado por muitos estudiosos da questão, quer dizer o seguinte: exponha os seus alunos a uma variedade de opções literárias (sem uma preocupação com produtos mensuráveis e/ou com conseqüências pragmáticas) e deixe que eles, pela convivência com as histórias e partilha de opiniões, construam o seu caminho enquanto leitores.

O livro contempla, tangencialmente, temas relacionados com a produção literária para crianças, destacando os processos de seleção de textos e o mimetismo dos livros didáticos, bem como aspectos relacionados ao vestibular e currículo do curso de letras. A discussão desses temas aumenta o grau de abrangência do livro, permitindo-nos o estabelecimento de uma série de relações acerca dos problemas que afetam a fruição da literatura nas escolas brasileiras.

Temos em mãos um trabalho sério e competente, o que, de certa forma, não é novidade, pois Regina Zilberman vem participando ativa e concretamente dos movimentos em prol da democratização da leitura no Brasil. Dessa forma, os ensaios contidos em *A leitura e o ensino da literatura* colocam-se como leitura obrigatória àqueles que desejam a prática de uma educação emancipadora nas escolas e, ao mesmo tempo, a partilha do seguinte convite da autora "(...) se a leitura deve ser estimulada pela sociedade, é para esta tomar-se melhor, o que pode acontecer se a conhecermos mais profundamente." (p.11) E não há como sair dessa "leitura da leitura" sem uma compreensão mais objetiva e profunda do assunto...

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo, Contexto, 1988, 146p.

A INTERSUBJETIVIDADE SEGUNDO MARCEL

URBANO ZILLES
PUCRS

Gabriel Marcel (1889-1973), filósofo francês, cujo primeiro centenário de nascimento celebraremos em 1989, parte do pressuposto de que "o dado central da metafísica" é a **encarnação**, ou seja, o homem é "ser em corpo". É unidade corpo-alma. O corpo é nossa maneira de ser no mundo. Mas ser é co-existir, conviver ou ser com os outros. O princípio fundamental não é **eu penso**, mas **nós somos**, ou seja, eu existo na medida que me relaciono com o outro.

A intersubjetividade é participação amorosa. No amor o outro se dá como um tu, como presença. Trata-se aqui de uma relação existencial que transcende o conhecimento objetivo. Como o corpo é um "imediatamente não mediatizável", a relação eu-tu é imediata. Aqui Marcel opõe a idéia de presença, uma presença existencial não necessariamente espacial-objetiva. A comunhão ontológica é a experiência fundamental do homem, segundo Marcel, para constituir-se como pessoa.

O homem precisa de relações primárias ou íntimas do tipo eu-tu. Jamais poderá ser reduzido a relações meramente objetivas e impessoais. A pessoa, para além da objetividade, pode tornar-se presença. O amor ao próximo é presença, disponibilidade absoluta. A presença é interior, existencial, enquanto a relação objetiva é exterior.

O eu precisa referir-se a um outro: "Não me dirijo na segunda pessoa a não ser a quem considero suscetível de responder-me de qualquer modo, ainda que seja no silêncio". Quando não há resposta possível, só resta lugar para o eu. O eu só existe enquanto sendo para outro. O outro se me dá como tu, como presença. Se nossa maneira de ser-no-mundo é definida pela corporeidade, o corpo todavia não é um simples agregado material, mas fenômeno de revelação, de presencialização. O corpo é órgão de abertura do sujeito a tudo que é. Por ser corpo, o homem não é só **est**, mas **adest**. Vive em comunhão com outros, no encontro. Verdadeiro encontro só há para seres dotados de interioridade. Assim, de maneira análoga a M. Buber, Marcel afirma que quando trato o outro como **ele**, o trato essencialmente como ausente. É justamente a ausência que me permite objetivá-lo. Existe, então, uma presença que é, sem dúvida, um modo de ausência.

Na relação eu-tu, o eu não possui nada, não conhece nada, não é inventariado. Quando falo do outro em terceira pessoa, o trato como separado de mim, como exterior. A relação eu-tu é fundamentalmente encontro, que se define pelo ato de afirmar-se como presença livre. Um tu é alguém que me está presente, que responde a meu apelo. O tu se constitui mediante um modo de presença, que o introduz em minha existência, que conta para mim. No encontro, a presença do outro se me oferece de forma imediata. Não capto a Idéia dele, mas a própria pessoa: "O ser a quem amo, não tem qualidades para mim; tomo-o como totalidade".

O encontro é o lugar da liberdade e da espontaneidade. Na relação diádica o outro se me revela, e toda a revelação é um dom. Quem é amado assim sente uma plenitude de ser. Não procura dispor sobre o outro, utilizá-lo, servir-se dele. Não se ama no outro qualidades designáveis. Ama-se o outro não por aquilo que tem, mas por aquilo que é.

A disponibilidade é característica essencial da pessoa, que é doação e abertura. No amor, o eu não se dirige à natureza do outro. O amor é um apelo, um convite a que a outra pessoa aja como pessoa, se realize como um tu junto a mim, reconhecendo-me a mim como sujeito.

Que me faz ser um eu? A presença amorosa do tu, presença criadora, pois o amor faz com que o outro se realize. Mas, não se deve esquecer que no nós do amor não desaparecem as realidades pessoais do eu e do tu. Não desaparecem as individualidades do eu e do tu porque, no amor, o outro é tratado com liberdade.

A relação amorosa não é uma ação de um sujeito sobre outro, mas um ato comum de dois sujeitos, que se encontram mutuamente e permanecem como sujeitos numa esfera de intimidade. Esta unidade podemos chamar de intersubjetividade. O nós cria o eu. O amor implica a libertação do eu como amante. O amor surge como inovação, como apelo; o amor é a vida que troca de centro.

Diálogo não é a linguagem informativa, nem a troca de pontos de vista. O diálogo, mais que intercâmbio de verdades, é "comunhão na verdade". "Amar alguém é dizer-lhe: tu não morrerás! Venha o que vier, tu e eu permaneceremos juntos". O amor encerra a promessa de eternidade. Desemboca no mistério.

No plano da intersubjetividade, o tu não é uma propriedade do eu. Neste plano compreende-se o sacrifício. Mesmo que alguém vá livremente para a morte, seu ato não é suicídio, pois ontologicamente existe uma diferença entre "sacrificar a vida" e "matar-se". Quem doa sua vida, dá tudo por algo a que atribui um valor superior. Coloca sua vida à disposição, levando a disponibilidade ao limite. Põe seu ser acima de sua vida. Faz isso porque há esperança. O suicídio é rejeição, negação. O sacrifício ao contrário, é afirmação de sentido: "Eu espero em ti por nós!"

A intersubjetividade permanece inacessível ao conhecimento objetivo. É a realidade de estar na luz com o outro. Trata-se de uma espécie de co-presença. O tu e o eu transcendem o mundo do nós, no qual me sinto engajado. No ser-com-outros, experimento os sinais humanos mais belos, como, por exemplo, a gratuidade. Experimenta o amor que liberta. O amor é criador da personalidade do tu e do eu, porque cria o nós.

O amor é expressão de um infinito. Quanto mais eu amar alguém, mais participo em sua vida. O amor precede o conhecimento e o possibilita. Misterioso não é o objeto do amor, mas a maneira da relação que se oculta no amor. Não significa empobrecimento. O amor não se justifica, mas é a única coisa que pode justificar, não julga. É mediador do divino.

BIBLIOGRAFIA

- GIRARDI, Leopoldo J. *O ser do valor em Gabriel Marcel*. Porto Alegre, Acadêmica, 1978.
- MARCEL, Gabriel. *Être et Avoir*. Paris, Aubier-Montaigne, 1935.
- . *Journal Métaphysique*. Paris, Gallimard, 1958.
 - . *Homo Viator*. Paris, Aubier-Montaigne, 1944.
 - . *Le mystère de l'Être*. Paris, Aubier-Montaigne, 1951.
 - . *Philosophie der Hoffnung*. Munique, List, 1957.
- ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o existencialismo*. Porto Alegre, Livraria Acadêmica Editora, 1988.

**CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PUCRS
(ESPECIALIZAÇÃO)**

Instituto de Letras e Artes

- Literatura Infantil
- ★ Criado pelo Conselho Universitário em 27/4/77
- Informações: 1LA - Fone: (0512) 36-9400, ramal 176

Instituto de Psicologia

- Psicoterapia da Adolescência
- ★ Aprovado pelo COCEP em 12/4/85
- Diagnóstico Psicológico
- ★ Aprovado pelo COCEP em 29/3/84
- Psicoterapias Humanístico-Existenciais
- Aprovado pelo COCEP em 11/7/85
- Psicologia Escolar
- ★ Aprovado pelo COCEP em 15/5/80
- Informações: IPS - Fone: (0512) 36-9400, ramal 215

Faculdade de Educação

- Educação Especial: Infrá e Superdotados
- ★ Aprovado pelo COCEP em 18/12/80
- Metodologia do Ensino Superior
- ★ Aprovado pelo COCEP em 17/7/76
- Supervisores de Treinamento para Empresas
- ★ Aprovado pelo COCEP em 17/7/76
- Educação Pré-Escolar
- ★ Criado pelo Conselho Universitário em 28/5/75
- Alfabetização
- ★ Criado pelo Conselho Universitário em 28/5/75
- Informações: FED - Fone: (0512) 36-9400, ramais 220 ou 236

Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas

- Finanças
- ★ Aprovado pelo COCEP em 24/4/86
- Administração de Recursos Humanos
- ★ Aprovado pelo COCEP em 04/12/86
- Informações: FCPE - Fone: (0512) 36-9400, ramal 264

Faculdade dos Meios de Comunicação Social

- Administração em Publicidade/Propaganda - Relações Públicas e Turismo
- ★ Criado pelo Conselho Universitário em 24/1/78
- Informações: FAMECOS - Fone: (0512) 36-9400, ramal 266

Faculdade de Direito

- Direito Processual Civil
- ★ Aprovado pelo COCEP em 02/10/86
- Informações: FD - Fone: (0512) 36-9400, ramal 134

Faculdade de Medicina

- 28 Cursos em diversas especialidades médicas
- ★ Aprovado pelo COCEP em 10/9/87
- Informações: FMED - Fone: (0512) 36-8444, ramal 682
- Medicina Desportiva e Saúde Escolar
- ★ Aprovado pelo COCEP em 02/10/86
- Informações: CENTRO DESPORTIVO - Fone: (0512) 36-9400, ramal 222

Instituto de Geriatria

- Geriatria
- ★ Aprovado pelo COCEP em 15/5/80
- Informações: IG - Fones: (0512) 36-8153 ou 36-8613

Escola Politécnica

- Engenharia de Estruturas
- ★ Aprovado pelo COCEP em 12/4/86
- Projeto de Produtos Industriais ou Desenho Industrial
- ★ Aprovado pelo COCEP em 11/7/85
- Engenharia de Segurança do Trabalho
- ★ Criado pelo Conselho Universitário em 27/2/73
- Informações: EPO - Fone: (0512) 36-9400, ramais 294, 264 e 125

Instituto de Informática

- Informática Empresarial
- ★ Aprovado pelo COCEP em 16/6/88
- Informações: INF - Fone: (0512) 36-9400, ramal 158

Faculdade de Odontologia

- Dentística Restauradora
- ★ Aprovado pelo COCEP em 24/4/86
- Prótese Dentária
- ★ Aprovado pelo COCEP em 16/6/88
- Cirurgia e Traumatologia Bucocomaxilofacial
- ★ Aprovado pelo CFE - Parecer nº 123/86 de 21/2/86
- Informações: FO - Fone: (0512) 36-9400, ramal 123

UM ROMANCE SOBRE AS GUERRAS

REGINA ZILBERMAN
PUCRS

Lucílio Fuentes Caravaca apresenta-se desde a primeira página como um ser incomum: para seu Bilo, o comerciante que o acolhe no povoado onde o protagonista vem a morar por algum tempo, ele não parece um gaúcho; para o leitor, que acompanha sua trajetória ficcional, transcorrida entre 1917 e 1924, ele não parece um professor. Com efeito, Lucílio é um herói permanentemente situado entre dois mundos, de modo que sua personalidade não se identifica com nenhum deles. Nascido no Uruguai, é educado numa cidade de fronteira, San'Anna do Livramento; na juventude vive em São Paulo, sobe ao Nordeste e termina voltando ao Sul, mas escolhe radicar-se em áreas localizadas nos limites entre dois países. Além disso, foi protegido por um padre políptico e mulherengo, que, se não acredita na religião, não deixa de ser considerado santo por seus (e suas) paroquianos(as); enquanto exerce seu ofício de professor, mora com duas mulheres, que o dividem sem brigar entre si; e sua história transcorre entre duas guerras, a européia, encerrada em 1918, e a revolução de 23, de que participa mais diretamente.

Todos estes aspectos reunidos dão conformação especial ao protagonista criado por Cyro Martins em seu último romance. Ele pertence à vida civil e, enquanto professor, caracteriza-se como elemento civilizador, transmitindo aos seus alunos rudimentos de um saber a que esses jovens não teriam acesso de outra maneira. Se sua pedagogia é tão sul-generis como ele próprio, nem por isso mostra-se menos eficiente: os filhos do seu Bilo tornam-se aptos a estudar na cidade grande, o mesmo acontecendo aos outros rapazes que deram continuidade à sua formação, por os pais depositarem neles maior confiança e expectativa intelectual. Por outro lado, Lucílio está inteiramente envolvido com a guerra: a européia, diariamente acompanhada através dos jornais recebidos e de que tem profundo conhecimento político e estratégico; e a local, primeiro contemplada à distância, depois vivida de perto, no seu cotidiano de horrores e violência.

As duas experiências não estão ali apenas para configurar facetas diferentes e opostas da personagem; mais do que isso, elas revelam aspectos contraditórios da vida rio-grandense, na época em processo de modernização, mas que conservava ainda uma estrutura social e política arcaica. Por causa desta, o romance pode narrar como Borges de Medeiros se permitia governar

de modo autoritário, pleitear mais um período como chefe do Estado e adulterar os resultados da eleição; também em razão da persistência daqueles elementos obsoletos, a oposição entendia que seu descontentamento deveria ser manifestado tão-somente por intermédio da guerra, levando ao sacrifício homens do porte de Alceu Wamosy, um dos poetas mais celebrados naquele momento histórico.

Nesse ponto, todavia, cabe uma ressalva: se Lucílio vive profundamente a dualidade, não é para corporificar as contradições verificadas na sociedade rio-grandense, pois as características de um e outro diferem. O professor é um indivíduo que, colocando-se na fronteira das coisas, sabe estabelecer uma sintonia entre elas, a ponto de sentir-se feliz com isso. Uruguaio e brasileiro, não vive crises de identidade nacional; adotado por um padre por iniciativa deste, que o educa como um filho, pode liberar-se dos laços domésticos que comprometeriam sua autonomia pessoal, sem abrir mão do carinho e da gratidão que a família (representada por Hornero) lhe desperta; amando duas mulheres, divide entre elas seu afeto e canaliza as atenções de ambas.

Por outro lado, no Rio Grande do Sul, especialmente nas zonas de organização social mais arcaica, as divisões geram conflitos agudos, a guerra e a morte. Estes, se não são desempenhados por Lucílio, aparecem corporificados pelas personagens que contracenam com ele: Lúcia, esposa de Sérgio, mulher inteligente, mas cerceada pela mediocridade que a rodeia, inclusive a do próprio marido; e o poeta Alceu Wamosy, principal expoente do Simbolismo local, portanto, criador sensível e espiritualista, mas sacrificado pela luta fratricida cujos ideais nem mesmo compartilha com intensidade.

Lúcia e Wamosy são, nesta medida, a contraparte de Lucílio, correspondendo a pessoas que, dotadas de personalidade e atuação similar à do protagonista, não conseguiram resolver de maneira positiva os conflitos decorrentes de sua forma de ser. Também por este aspecto o romance trabalha com elementos em contraste, que, posicionados frente à frente, explicitam o modo como o romancista interpreta o comportamento do ser humano.

Construído em torno a uma personalidade incomum, *O professor* engloba as particularidades de seu protagonista, transformando sua linha de ação em exemplo a ser seguido ou, ao menos, levado em conta: cumpre respeitar as dualidades ou o duplo sentido com que a realidade se apresenta a nós, procurando harmonizá-las e não contradizê-las; o contrário disso leva à guerra, e esta à destruição, pessoal e do grupo. A sabedoria de Lucílio está aí, e também a do escritor, que, generosamente, a transmite a nós, num momento de tanta conturbação e desencontro. Eis por que o livro é atual, fruto da reflexão do escritor sobre o nosso tempo.

MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre, Movimento, 1988.

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PUCRS

Doutorado

Instituto de Letras e Artes

- Teoria da Literatura
 - Lingüística Aplicada
 - ★ Credenciado pelo Parecer nº 846/85 do C.F.E. de 5/12/85
- Informações: ILA – Fone: (0512) 36-9400, ramal 176

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

- História Ibero-Americana
 - História do Brasil
 - ★ Criado pelo Conselho Universitário em 2/10/86
- Informações: IFCH – Fone: (0512) 36-9400, ramal 295

Faculdade de Odontologia

- Estomatologia Clínica
 - ★ Criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87
- Informações: FO – Fone: (0512) 36-9400, ramal 123

Faculdade de Medicina

- Medicina
 - ★ Criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87
- Informações: FMED – Fone: (0512) 36-9444, ramal 662

Faculdade de Educação

- Educação
 - ★ Criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87
- Informações: FED – Fone: (0512) 36-9400, ramais 220 e 235